

Organização **Olivier Feron**

As Cavernas da Modernidade

Acerca de Hans Blumenberg



CENTRO DE FILOSOFIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2011

ÍNDICE

<i>Olivier Feron</i> Apresentação.	9
<i>José Luis Villacañas Berlanga</i> Humanismo: una <i>deificatio</i> irónica.	11
<i>Andrea Borsari</i> Vita, consolazione, inconcettualità. Ancora sul Simmel di Blumenberg. . .	25
<i>Denis Trierweiler</i> La « correspondance » entre Hans Blumenberg et Carl Schmitt.	33
<i>Antonio Rivera García</i> La Relevancia de la Metaforología de Blumenberg para la Historia de la Filosofía Política	45
<i>José Manuel Santos</i> A invisibilidade da técnica e a inaparência do mundo da vida na filosofia de Hans Blumenberg	75
<i>Olivier Feron</i> A antropologia no limite ou a contingência como condição de im-possibilidade.	101
<i>Bernhard Sylla</i> O conceito da linguagem implícito no texto. A relação entre metaforologia e teoria da linguagem em Blumenberg	113
<i>Johanna Lassika Greiß</i> Modern aesthetics as overcoming mimetic world view?	125

A antropologia no limite ou a contingência como condição de im-possibilidade

Olivier Feron

U. Évora

Viver no mundo ideal é tratar o impossível como se ele fosse possível.

GOETHE¹

A questão da antropologia parece ter de ser colocada a qualquer filosofia que se inscreva no prolongamento da revolução kantiana. Porém, pelo menos em dois momentos, a antropologia do ponto de vista filosófico foi eliminada: uma primeira vez pelos próprios pós-kantianos; a segunda vez foi-o pela fenomenologia em nome de uma filosofia seja mais científica (como no caso de Husserl) ou mais ontológica (como será o desafio de Heidegger).

A este respeito, a originalidade do pensamento de Hans Blumenberg é sem dúvida ser profundamente impregnada de fenomenologia (no seu método, na sua conceptualidade, nas suas problemáticas e nos interlocutores que escolhe), e inscrever-se de modo ainda mais fundamental num questionamento kantiano. Uma tal posição aparentemente paradoxal – e que acarreta tensões cuja resolução constitui precisamente a natureza da obra blumenberguiana – condu-lo a reintegrar a possibilidade de uma antropologia a partir dos desenvolvimentos mais extremos da fenomenologia. É isso que o levará a servir-se da fenomenologia para mostrar o quanto a questão do homem, longe de não ser essencial, está no âmago de uma filosofia que se assume como integralmente enraizada no tempo histórico que a acolhe. Com efeito, desde a obra inaugural sobre a legitimidade dos tempos modernos, deixa de ser possível conceber a reflexão especulativa acerca da essência da modernidade como um exercício *sub specie aeternitatis*. Ao invés, a suspeita de ilegitimidade constitutiva da modernidade – e que serve de argumento para a tese da secularização como usurpação – esta

¹ GOETHE, *Sprüche in Prosa*, Werke, Ed. WEIMAR, XLII, p. 142 citado por E. CASSIRER, Yale University Press, 1944 (ed. ut. *Essai sur l'homme*, trad. N. MASSA, Paris, Minuit, p. 92).